



Folkcomunicação: origem do termo papangu do carnaval de bezerros possui características de lenda urbana na web ¹

Eliana Maria de Queiroz Ramos²

Betânia Maciel³

Universidade Federal Rural de Pernambuco -UFRPE

RESUMO

Neste artigo, é nosso objetivo estudar a origem do termo Papangu de Bezerros como manifestação da cultura popular, que vem sendo divulgada na mídia eletrônica, com características de lenda urbana, mediante pesquisa exploratória, bibliográfica e documental, justificada pela necessidade de explicar e investigar o que é lenda urbana (imaginário) e o que é real. Para isso, foi feito um mapeamento no *Google*, *Google acadêmico* e *Orkut* dos *sites* e meios eletrônicos com a palavra-chave Origem Papangu. A pesquisa empírica e a bibliográfica apontam para o fato de ser lenda urbana a forma como vem sendo divulgada a origem do papangu, e apontam o artesão Amaro Arnaldo do Nascimento, mais conhecido por Lula Vassoureiro, como o principal informante e disseminador. A partir daí, discutimos levantamentos bibliográficos para sugerir novas pesquisas que contribuam com a origem histórica do termo.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Papangu; Cultura Popular Lenda-urbana; Mídia

¹Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa de Folkcomunicação, da Divisão Temática 6 Interfaces comunicacionais, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista – free-lancer, gestora em Turismo Cultural, mestranda do POSMEX. Endereço eletrônico: <elianaqueiroz@oi.com.br> ou <eliana_queiroz144@hotmail.com>

³ Pesquisa desenvolvida no mestrado em extensão rural e desenvolvimento local - POSMEX-UFRPE, dentro da linha de pesquisa que está sendo desenvolvida pela autora, sob a orientação da Professora Betania Maciel Doutora em Comunicação Social, Mestre em Comunicação Rural, - linha de pesquisa Folkcomunicação, Máster em Ciência, Tecnologia e Sociedade: Comunicação e Cultura pela Universidade de Salamanca, professora do POSMEX - Programa de Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – UFRPE e Presidente da Rede Folkcom-Redede Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação – Cátedra UNESCO de comunicação para o desenvolvimento regional., email: betania_maciel@terra.com.br.



Desde a colonização, com a miscigenação entre o europeu colonizador, o negro africano e o índio nativo, a cultura brasileira tradicional ou popular sofre influências que contribuem para a sua hibridização. Portanto, não se pode separar cultura de história, porque ela representa um processo de mediação entre os homens, que ao transformarem a natureza, transformam a si mesmos.

Entre a cultura e a história, a comunicação surge como meio de registro da memória das manifestações populares e como mediação para o seu próprio entendimento. Esta comunicação pode ser oral ou escrita.

Durantes séculos, os estudos científicos ou acadêmicos rejeitaram a oralidade como um conhecimento, mas recentemente ganha ela expressão na academia como passível de análise e interpretação. Pois não se resolve tudo por escrito, e a comunicação oral é fundamental para o funcionamento da sociedade.

Um dos papéis sociais atribuídos à comunicação oral é o de permitir que as pessoas, principalmente as idosas, sejam utilizadas como fonte de registro para escrever a sua própria história. O diálogo social mediante comunhão pessoa a pessoa representa uma co-participação do indivíduo no ato de pensar. Mas, ao mesmo tempo em que reconhecemos a importância deste tipo de comunicação, observamos que esta técnica, por ter fonte subjetiva, é passível de falha, por ser constituída de memórias individuais, às vezes falíveis e fantasiosas. Grande parte das reportagens veiculadas na mídia, seja ela impressa ou eletrônica, utiliza-se da entrevista como registro.

Assim, segundo o sociólogo e professor Heitor Rocha (2005), em *Tradição, Modernidade e Mídia no Brasil*, os veículos de comunicação massivos renovam a tradição, introduzindo transformações substantivas nas práticas discursivas cotidianas para inseri-la nos novos contextos práticos da vida cotidiana. Segundo Fairelogh (2001, p.202) citado por Rocha (2005, p.25) “é inquestionável a capacidade do discurso da mídia de fundar novas identidades coletivas, naturalizando interpretações como sendo a própria verdade dos fatos, para engendrar a reprodução da ordem institucional estabelecida”.

Por sua vez, verifica-se ainda que todas as lendas são transmitidas pela tradição oral e que correm o risco de serem alteradas, já que a memória pode ser subjetiva e



falha. E neste recontar, algo se modifica e é acrescentado pelo subjetivismo, já que as pessoas contam o que já ouviram e não o que leram.

As lendas urbanas aparecem como um ramo do gênero folkcomunicacional oral de narrativas que guardam as características das lendas tradicionais, mas que têm por objeto temas urbanos contemporâneos e estão cada vez mais presentes na mídia. Tais lendas têm sido classificadas segundo Benjamin (2004) como folclore nascente, produzido por mudanças culturais que aparentemente prometem ser aceitas por muitos portadores. Ainda segundo o que pudemos interpretar na classificação das lendas em Benjamin (2004), este tipo de lenda estaria classificado entre as lendas históricas e as lendas histórico-culturais.

O apoio coletivo à memória é mais vigoroso quando envolve a presença sensível de antigos companheiros e suas marcas no entorno. A materialidade como que incrementa a presença do grupo em pensamento. A convivência entre antigos companheiros nutre a comunicação entre visões de mundo que se limitam, se conformam e se interpenetram. O passado permanece, então, em contínua reconstrução pela memória coletiva. São esses pontos em comum que revelam a expressão cultural de um povo de um dado lugar. O fato de se sentir compartilhando com o outro representações culturais semelhantes imprime, em cada um, uma identidade.

Segundo Benjamin (2004), as lendas urbanas têm parentesco muito próximo com os boatos. O que a distingue deste é o seu caráter permanente. É um tipo de narrativa popular onde o seu coletor, acha-se no direito de aproveitar um tema narrado por informante popular, reescrevendo segundo seu próprio estilo.

Na versão atualizada da sua Teoria da Folkcomunicação, Beltrão (1980) propõe a classificação dos fenômenos da comunicação popular, que pode ser tomada como um elenco dos gêneros folkcomunicacionais: folkcomunicação oral, musical, escrita, icônica e cinética. Observa-se que a lenda urbana (folkcomunicação oral) aparece na divulgação da folia dos papangus⁴ (folkcomunicação icônica), quando o urbano vem se mesclar com o tradicional. O que, de certa forma, reforça Castells: “as redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de

⁴ Papangu é um folião que circula pelas ruas da cidade, totalmente fantasiado, e se diverte pregando susto nas pessoas, principalmente as crianças.



comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela”. (CASTELLS, 1999 p.21).

A nossa pergunta é se as diferentes versões sobre a origem do Papangu de Bezerros (PE) existentes na mídia eletrônica são lendas urbanas? Buscando comprovar que as diferentes versões sobre a origem do Papangu de Bezerros (PE) existentes na mídia eletrônica são lendas urbanas, mapeamos a origem do Papangu na mídia eletrônica no Google, Google acadêmico e comunidades do Orkut, para analisar como é divulgada sua origem.

Lócus:

Localizado no Agreste pernambucano, no Vale do Ipojuca, Bezerros possui um território de 545,7 km², limita-se ao norte com Cumaru e Passira; ao sul com São Joaquim do Monte e Agrestina; a leste com Gravatá, Sairé e Camocim de São Félix, a oeste com Riacho das Almas e Caruaru. A 102 Km do Recife, é formado pelos distritos de Serra Negra, Encruzilhada de São João, Sítio dos Remédios, Boas Novas, Sapucarana e Cajazeiras. A população é de 57.371 habitantes.

A proximidade de Caruaru, o fato de estar localizado no principal corredor rodoviário do Estado, a BR-232, e por ser rodeada de dezenas de pequenos povoados, distritos e municípios, torna a economia do município ativa e desenvolvida.

O Papangu é uma brincadeira centenária, fruto da interação dos bezerrenses entre si e, agora, com a população excursionista e os turistas culturais. O Papangu vem de uma espécie grosseira, assim apelidada, e que, à espécie de farricoco (encapuzado que acompanhava as extintas procissões de cinzas), caminhava a sua frente, armado de um comprido relho (chicote de couro torcido), com que ia fustigando o pessoal que impedia a sua marcha.

Mais do que um simples mascarado, o papangu é uma brincadeira do interior, que consiste num jogo de identidades, pois durante o carnaval ninguém sabe quem é quem, conforme lembra Andrade (2004, p. 52):

O sucesso da brincadeira depende do sigilo absoluto, que inclui desde a confecção da máscara, vestimenta e local de troca de roupa, esconder a sexualidade e camuflar a voz e até o jeito de andar. Após vestir-se, ele sai de casa em casa, até ser descoberto, somente depois disso é que ganha o prêmio, que vai desde angu, filhoses, bolo, bebida, o que tiver.



De acordo com Da Matta (1983), as fantasias carnavalescas criam um campo social de encontro e de mediação, pois não obstante as diferenças todos estão ali para brincar. “E *brincar* significa literalmente ‘colocar brincos’, isto é, unir-se, suspender as fronteiras que individualizam e compartimentalizam grupos, categorias e pessoas”. (DA MATTA, 1983,p.49)

No entanto, hoje são poucos os grupos de papangus que saem de casa em casa, por conta da concentração do desfile na Praça Narciso Lima e ruas da Matriz e Cel José Pessoa, num único dia, o domingo. A centralização foi uma determinação da prefeitura local, em função da demanda turística. O que de certa forma reforça Da Matta (1983, p 74), “a própria rua pode ser vista e manipulada como se fosse um prolongamento ou parte da casa, ao passo que zonas de uma casa podem ser percebidas em certas situações como parte da casa”.

De forma variada, o papangu evoluiu do tradicional para o estilizado, agregando valores a sua dinâmica simbólica. O que é inegável é que, apesar da transição, continua resistindo como marca cultural e patrimônio de um município. Segundo Hobsbawn citado por Dias (2006, p.58), “as tradições ditadas pelos costumes, são processos sociais que sofrem modificações ao longo do tempo e que só sobrevivem por meio de formas de adaptação diversas”.

Para Marques de Melo, os espaços ocupados pelas tradições populares na agenda midiática contemporânea servem para preservar identidades culturais ameaçadas de estagnação, mas funcionam também como alavancas para a renovação dos modos de agir, pensar e sentir de grupos ou nações que, “empurrados conjuntamente para o isolamento mundial, refluem à incorporação de novidades. Esse folclore midiático possui dupla face”. (MARQUES DE MELO, 2005, p.1)

Para Pessoni (2005), mestre e doutor em comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, ninguém sabe como nem onde surgiram as lendas urbanas . “O fato e os personagens que as originaram são ignorados, mas seus participantes sempre estão próximos de alguém que conhecemos [...]” (PESSONI, 2005, p.3)

Corpus:

A pesquisa foi feita no *Google*, *Google Acadêmico* e Comunidades do *Orkut* relacionadas no dia 5 de dezembro de 2008, a partir da palavra-chave PAPANGU



ORIGEM e ORIGEM PAPANGU. Encontramos 123 referências, sendo 29 em que a origem do papangu aparece com características de lenda urbana; 16 em que aparece a origem histórica; 8 que mesclam as duas versões; 30 em que não aparece a origem e 9 no Google acadêmico em que também não aparece a origem; 3 em que só aparecem fotos; 9 que registram a ocorrência de papangus noutros locais; 3 que registram a origem do papangu no Recife, e 6 comunidades do orkut.

Aportes Teóricos:

A Teoria da Folkcomunicação é do jornalista pernambucano Luiz Beltrão, que atuou no Diário de Pernambuco, pioneiro também na fundação do curso de jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), do Instituto de Ciências da Informação - ICINFORM (1963), e da primeira revista científica de comunicação (1965).

A proposta original de Luiz Beltrão está vinculada à formulada por Katz e Lazarsfeld como Teoria da Comunicação, nos paradigmas do "fluxo comunicacional em duas etapas", e depois ampliada por Wilbur Schramm (Teoria da Comunicação em Múltiplas Etapas). Beltrão observou que, no Brasil, havia simultaneamente o sistema de comunicação massiva e os grupos primários, receptores das mensagens midiáticas. E entre eles, um sistema "mediador", denominado folkmidiático. Seu argumento era o de que tais manifestações populares tinham tanta importância comunicacional quanto as dos massivos.

Para Beltrão (2001, p.79), “Folkcomunicação é, assim, o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, idéias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”. Segundo Marques de Melo, esta “era a compreensão original de Beltrão, que a entendia como um processo de intermediação entre as culturas de elites (erudita ou massiva) e a cultura das classes trabalhadoras (rurais ou urbanas)”.

De acordo com Hohlfeldt (2008), esse conceito vem sendo ampliado, passando a folkcomunicação a ser entendida como

O estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se socializam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. (HOHFELDT,2008, p.82)



A trajetória da Folkcomunicação nos espaços propiciados pela Internet tem ampliado seu raio de ação. Além de garantir a sobrevivência de vários gêneros ou formatos de expressão popular, a *web* permite multiplicar os seus interlocutores e o intercâmbio entre grupos e pessoas que possuem identidades comuns, mesmo distanciados pela geografia (MARQUES DE MELO,2005).

Ainda segundo Marques de Melo, ‘capaz de potencializar o acervo cognitivo e a bagagem cultural dos grupos marginalizados e dos contingentes excluídos, a rede mundial de computadores propicia condições para a atualização dinâmica desta nova disciplina, difundindo os gêneros e formatos folkcomunicacionais além das fronteiras em que nasceram.

Aportes Metodológicos:

Fizemos uma pesquisa exploratória, bibliográfica e documental. A pesquisa se justifica pela necessidade de explicar e investigar o que é lenda urbana (imaginário) e o que é real na origem do Papangu de Bezerros na mídia eletrônica.

Como aparece a origem do papangu na mídia:

Porém, a divulgação da origem do Papangu aparece veiculada na mídia impressa, eletrônica e televisiva com características de lenda urbana, a saber:

- A brincadeira começou quando alguns homens quiseram brincar o carnaval sem serem reconhecidos, para despistar a atenção de suas esposas.

A tradição dos papangus teve início há mais de um século, com grupos de mascarados que brincavam pela cidade, invadindo residências de amigos e parentes para comer e beber sem serem reconhecidos. A idéia de cobrir todo o corpo e disfarçar a voz faz a brincadeira de tentar adivinhar quem está por trás da fantasia ainda mais divertida. O nome *papangu* tem origem no hábito de oferecer angu de milho aos mascarado (JC. 25.10.2001)

- Dois irmãos que comiam muito angu resolveram cortar as pernas das calças e cobrir o rosto com capuz para não serem reconhecidos, mas foram descobertos pela gula.

O nome da folia em Bezerros surgiu porque dois irmãos, que participavam do festejo mascarados, comiam muito. Na época, essas pessoas, conta Lula Vassoureiro, recebiam o nome de ‘papa alguma coisa’, dependendo do motivo da gula. Era tradição as casas oferecerem angu, uma comida típica do Nordeste, feita de milho, aos foliões. Como os dois irmãos comiam muito angu, receberam o apelido de ‘Papangu’, daí o nome da festa. (Agência Sebrae,27.02.2006)



- A figura surgiu pelos idos de 1900, quando os mascarados confeccionavam seu traje artesanalmente e, ao pedir comida nas casas recebiam angu.

A história dos papangus remonta ao início do século passado. Por volta de 1905, as primeiras máscaras eram confeccionadas com papel usado para embrulhar charque (carne-seca), e as fantasias eram enfeitadas com folhas de bananeiras e cajueiros, espécies abundantes na região. A partir da década de 50, os mascarados que batiam às portas dos moradores passaram a receber deles cuias de angu, comida típica feita à base de farinha de milho. A partir daí a população passou a chamá-los de papangus. (FOLHA ONLINE, 2004)

- Uns dizem que os primeiros papangus de que se tem notícia surgiram na década de 30. Eles eram chamados de Papangus Pobres porque trajavam roupas velhas, rasgadas com remendos, meias nas mãos e máscaras rústicas confeccionadas com papel jornal e goma. Com o tempo, a brincadeira foi mudando e a partir dos anos 60, as roupas velhas foram substituídas por caftas - batas longas, estampadas com cores luminosas.

A tradição dos papangus surgiu no início do século passado, em 1905, segundo relato feito pelo carnavalesco e artesão de máscaras Lula Vassoureiro. As primeiras máscaras eram feitas com papel de embrulhar charque e papelão. Os mascarados saíam às ruas para pedir um auxílio e ganhavam ovos, frutas e galinhas. O nome papangu surgiu já na década de 50, quando as máscaras começaram a ser confeccionadas em papel de jornal, pintadas com tintas produzidas a partir de breu e gasolina. Os foliões mascarados eram recebidos nas casas com angu, uma espécie de mingau feito à base de milho. O alimento e a fome dos foliões, que se aproveitavam das máscaras para comer angu mais de uma vez em um mesmo lugar, deu origem ao nome dos mascarados do Carnaval pernambucano. (FOLHA ON LINE, 2002)

- Filhos livres de escravos se fantasiavam de papangu com o interesse de ter contato com as senhoras de escravos e apertar-lhes a mão.

A história dos Papangus tem origem na época da escravidão, quando os escravos vestiam fantasias de corpo inteiro para participar dos bailes de máscaras promovidos nas casas-grandes. A festa, que já tem tradição secular, tem como marco histórico o ano de 1905, quando grupos de foliões, inspirados nos festejos da época escravocrata, começaram a se vestir e mascarar para brincar o Carnaval. Era durante o entrudo que os mascarados buscavam comida e bebida nas casas das pessoas. Seu apetite se destacava em meio aos convidados e mais tarde, ficaram conhecidos como papangus, ou comedores de angu - iguaria típica na época. (NAÇÃO CULTURAL, 2009)



Coleta e análise de dados:

Os resultados obtidos através do levantamento das palavras-chave correspondente à Origem Papangu referenciadas pelo *Google* apontam para os gêneros folkcomunicacionais oral (lenda urbana) e icônico decorativo (artesanato) e cinético no formato folguedo (folia de papangu), segundo classificação de José Marques de Melo, relacionados à origem do papangu e, na maioria, aludem ao artesão Amaro Arnaldo do Nascimento, mais conhecido por Lula Vassoureiro.

Tanto as referências escritas como os vídeos do You Tube, feito por alunos da Faculdade Maurício de Nassau, no Recife, apontam que o principal informante e disseminador da origem do papangu como lenda urbana é Lula Vassoureiro, informação que é reproduzida no próprio Museu do Papangu e no vídeo institucional dos 100 anos do papangu, associando a palavra papangu com o papa-angu, o que gosta de comer angu.

Segundo a bezerrense Patrícia Brayner, professora de Geografia, especialista em Ensino da Geografia pela Fafica e História de Pernambuco, pela UFPE, “Lula vem de classe social mais abastada, e como angu era sinônimo de comida de pobre, e ele gosta muito de angu, conta esta história” (informação oral⁵). Segundo ela, “o verdadeiro papangu não se alimenta de angu. Como a lenda existe, alguns moradores alimentam esta idéia e fazem angu, chamando a imprensa para filmar. Agora, a prefeitura serve no dia do desfile, um café da manhã com angu”, diz.

A controvérsia entre a origem que é veiculada na mídia, em particular a eletrônica, e entre os registros históricos da origem da folia de papangu é evidente. Hoje, os papangus são alegres foliões mascarados, mas nem sempre foi assim. No Dicionário do Folclore Brasileiro, Cascudo (2001) informa que o termo papangu vem de uma espécie grosseira, assim apelidada, e que, à espécie de farricoco⁶ tomava parte nas extintas procissões de cinzas,, armado de um comprido relho com fustigava o pessoal.

De acordo com o relato de Antônio Azevedo, antigo morador de Bezerros, atualmente falecido, a Brayner (1999), o papangu já existia em Bezerros desde a época da Lei do Ventre Livre, século XIX. Naquela época, “os filhos livres de escravos se

⁵ Informação oral obtida durante o Domingo de carnaval de 2008, em Bezerros, na residência do Sr. Luiz Brayner.

⁶ NR. encapuzado que acompanhava as procissões de penitência tocando trombeta de vez em quando



fantasiavam de papangu com o interesse de ter contato com as senhoras de escravos, encobertos pela máscara, eles podiam apertar-lhes a mão”. Tal informação, vem ao encontro do que diz Lopes (2004) em sua Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, no verbete Papangu. “Tipo de mascarado, no carnaval ou nos reisados nordestinos. Em algumas partes do Brasil, dava-se o apelido de ‘papa-angu’ ao negro cativo porque se alimentava quase unicamente de angu e feijão”.

Maciel, ao estudar a máscara e a confecção indígena Pankararu divisa ainda uma possível semelhança: “vestidos com suas máscaras rituais, os Pankararu lembram, de certo modo, os farricocos das procissões da Misericórdia, ou os sambenitos⁷ com que se vestiam os penitentes condenados pela inquisição”. Antigamente, o papangu tinha a máscara para o rosto confeccionada com coité (cua do fruto), comum ao indígena e ao africano. Portanto, originalmente, os papangus eram figuras grosseiras e temidas que acompanhavam as procissões religiosas e que, depois, retornam no carnaval como um brincante.

Conclusão:

A pesquisa experimental empírica (tanto o vídeo do You Tube como as entrevistas escritas) e a bibliográfica apontam para o fato de ser lenda urbana a forma como vem sendo divulgada a origem do papangu, e apontam Lula Vassoureiro como o principal informante e disseminador da origem do papangu como lenda urbana. No entanto, os dados obtidos através desta pesquisa exploratória sugerem desdobramentos empíricos, analíticos e reflexivos, a fim de ampliar o repertório folkcomunicacional.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, R. E.. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**, Porto Alegre, Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

_____. Conceito de folclore. Disponível em:
<http://www.unicamp.br/folclore/Material/extra_conceito.pdf>. Acesso em 02.12.06

_____. **A Media e os Mitos**. Disponível em
:<<http://www.eca.usp.br/alaiic/chile2000/8%20GT%202000Folkcomunicacao/RobertoBenjamin.doc>>. Acesso em 02.12.06

⁷ Hábito de baeta amarela e verde, que os penitentes vestiam pela cabeça à moda de saco e trajavam nos autos-de-fé,



BRANCO, S. C.. Folkcomunicação: metodologias possíveis IN: SCHIMIDT, Cristina (org). **Folkcomunicação na Arena Global – Avanços Teóricos e metodológicos**. São Paulo: Ductor, 2006.

BRAYNER, P. V. de A. **Papangu, mascarado, bloco carnavalesco e brincadeiras**. Monografia de especialização em história de Pernambuco, UFPE, 1997

_____, **A praça da Matriz como palco da Folia de Papangu e das manifestações populares de Bezerros**. Monografia da pós-graduação em ensino da Geografia. Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Caruaru, janeiro de 1999

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11a. Edição. ed. Ilustrada. São Paulo: Global, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DA MATTA, R. da . **Carnavais, malandros e Heróis: para uma Sociologia do Dilema Brasileiro**. 4ª. Ed Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006

HOHLFEDT, A. Contribuição de Luiz Beltrão aos estudos acadêmicos de comunicação social. In: MARQUES DE MELO, J. TRIGUEIRO, O. m. (orgs). **Luiz Beltrão: pioneiro das ciências da comunicação no Brasil**. João Pessoa, Editora Universitária UEPB/INTERCOM, 2008.

LOPES, N.. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo; Summus Editorial, 2004.

MACIEL, B.. **Mito e Fé - O mito do nascimento e do abandono do herói**, Grupo de Trabalho: Comunicação e Psicanálise, V COMPÓS , São Paulo, maio, 1996, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

MARQUES DE MELO, J.. Uma estratégia das classes subalternas. In: **Folkcomunicação: a mídia dos excluídos**. Intercom. Cadernos de Comunicação. Estudos. V. 17. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro> Rio de Janeiro: A secretaria, 2007. Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação 2006 na categoria grupo inovador.

_____. **Folkcomunicação na era digital - A comunicação dos marginalizados invade a aldeia global** Disponível em:
<http://www.marquesdemelo.pro.br/textos/textos_recentes/txt_rec_03.htm> Acessado em 02.12.06

_____. **Taxionomia da folkcomunicação: Gêneros, formatos e tipos – O folclore na idade mídia** Disponível em:
<<http://repositorio.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18283/1/R3094-1.pdf>> Acessado em 02.12.06

NAÇÃO CULTURAL, 29.01.2009. **Papangus Invadem Bezerros no Carnaval**. Acessado em 13/02.2009. Disponível em:
<<http://www.nacaocultural.pe.gov.br/papangus-invadem-bezerros-no-carnaval>>

PESSONI, A. . *Dona Benta, McLuhan e o chupa-cabras – A força das lendas urbanas na Internet* . **Revista Folkcom**. Vol. 1, no. 5, Ponta Grossa: Revistas UEPG, 2005 Disponível em:



<<http://www.uepg.br/revistafolkcom/anteriores/revista05/Rev%20Folkcom%2005%20artigo%20Arquimedes%201.pdf>> acessado em 02.12.06

RAMOS, E.M. de Q. e MACIEL, B. **Folkcomunicação Como Ferramenta do Turismo Cultural: O Caso dos Papangus de Bezerros (PE)**. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa de Folkcomunicação, NP-Intercom - VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal: 2 a 6 de setembro de 2008

_____. **Papangu como ferramenta folkcomunicacional do Turismo cultural em Bezerros - Pernambuco**, artigo científico produzido como Trabalho de Conclusão de Curso para a pós-graduação em Planejamento e gestão em Turismo Cultural, da Escola Superior de Relações Públicas – ESURP, sob a orientação de Jademilson Manoel da Silva.

ROCHA, H. C. L. da. *Tradição, Modernidade e Mídia no Brasil* Recife: apostila produzida para a especialização em Jornalismo cultural na UNICAP, 2005

RODRIGUES, I. C. M.. A Comunicação Oral e a sua importância para a transmissão da cultura popular. P. 173. IN: MARQUES DE MELO, J. . GOBBI, M. C.de E DOURADO, J. L..(Orgs). **Folkcom – Do ex-voto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessas**. Teresina: Halley, 2006. 685p.

Sites da Corpora: papa-angu, dois irmãos gulosos, homens casados, negros

1. <<http://www.bezerros-pe.hpg.ig.com.br/>>
2. <<http://blogmetropolitano.blogspot.com/2008/02/1-vem-o-papangu.html>>
3. <http://www.pernambuco.com/diario/2003/03/02/urbana11_0.html>
4. <<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=312&textCode=1407&date=currentDate>>
5. <<http://www.flickr.com/photos/renatoluizferreira/2342912109/>>
6. <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL285764-5598,00.html>>
7. <http://www2.uol.com.br/JC/_2001/3010/tu2510_14.htm (contradição)>. De 25.10.2001
8. <<http://www.bezerrsonline.com/carnaval.htm>>
9. <<http://www.bezerrsonline.com/carnaval2008/folia.htm>>
10. <<http://www.tudoalagoas.com.br/Turismo009.htm>>
11. <<http://www.flogao.com.br/bezerrros>>
12. <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u45816.shtml>>
13. <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u3817.shtml>>
14. <http://www.cameraviajante.com.br/Walter_Karwatzki.htm>
15. <http://asn.interjornal.com.br/noticia.kmf?noticia=4308406&canal=214&assunto=m%E1scaras&tipo_assunto=2&ignora_acentos=1>
16. <<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?idconteudo=10473>>
17. <<http://www.flogs.com.br/ladraoflogs/?fotoid=116598>>
18. <<http://www.pedrasoltape.blogspot.com/>>
19. <http://www.nordesteweb.com/not01_0303/ne_not_20030304a.htm>
20. <<http://www.marolinda.com.br/pdf/CULT%20HOTEL%20PQ%20NOSSO%20CARNAVAL%20%C3%89%20DIFERENTE%20DE%20TODOS.pdf>>
21. <<http://www.meus365dias.com/2008/02/folia-das-papangus-movimenta-interior.html>>
22. <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=39770&cat=Artigos&vinda=S>>
23. <http://books.google.com.br/books?id=eTggc86Q91UC&pg=PA172&lpg=PA172&dq=origem+papangu&source=bl&ots=Wkt2qZ6YMP&sig=plZTgkxIGoFOgqjAedsH3S2wjOI&hl=pt-BR&sa=X&oi=book_result&resnum=1&ct=result#PPA172,M1 (Novo dicionário Banto do Brasil, Nei Lopes_ papangu)>



24. <<http://www2.pe.gov.br/web/portalpe/exibirartigo?companyId=communis.com.br&articleId=7329> – 38>
25. <http://www2.correioweb.com.br/cw/2002-02-11/mat_32098.htm>
26. <http://www.pernambuco.com/carnaval/2006/prog_interior.html>
27. <<http://www.pernambuco.com/carnaval/2006/imperdiveis.html>>
28. <<http://www.paraibaonline.com.br/noticia.php?id=322064&ano=2008>>
29. <<http://www.nationalgeographic.abril.com.br/ngbonline/codigopostal/0512/index.shtml>>

Origem correta:

1. <<http://jangadabrasil.com.br/fevereiro42/cp42020a.htm>>
2. <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2007/aefp/070409_aprender.doc>
3. <http://www2.uol.com.br/JC/_2002/1002/cd1002_12.htm>
4. <<http://aninharegina.blogspot.com/2006/02/1-vem-o-papangu.html>>
5. <<http://jcnavegatur.blogspot.com/2008/06/bezerras-papangu-pe.html>>
6. <http://www.agencia.ufpb.br/vernoticias.php?pk_noticia=7960>
7. <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u45816.shtml>>
8. <http://www.oxenteparaiba.com.br/noticia.php?not_id=2374>
9. <http://www.pe-az.com.br/arte_cultura/papangu.htm>
10. <<http://www.pe-az.com.br/turismo/bezerras.htm>>
11. <http://www.esurp.edu.br/Pos_O_HibridoPapangu.pdf>
12. <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0300-1.pdf>>
13. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/modules/mydownloads_01/vie_wcat.php?cid=48 - 32k – *Dia adia Educação Portal Educacional do Estado do Paraná. Categoria Sociologia artigos*>
14. <<http://www.unb.br/ics/dan/cataltesme.htm>>
15. <http://www.recifecvb.com.br/portugues/cid_bezerras.html>
16. <<http://pe360graus.globo.com/colunistas360/colunaLer.asp?columnId=13&articleId=526>>

Mesclam as duas versões:

1. <http://www2.uol.com.br/JC/_2002/1002/cd1002_12.htm>
2. <<http://arrecifecultural.blogspot.com/2008/05/as-vrias-faces-de-um-folio-papangu-das.html>>
3. <<http://br.youtube.com/watch?v=FbQcptkhLNw>> (Vídeo elaborado pelo acadêmico Adalberto Oliveira, da Faculdade Maurício de Nassau, produzido sob orientação do prof. Braga)
4. <http://br.youtube.com/watch?v=2P2vawUgI_c&feature=related>
5. <http://br.youtube.com/watch?v=N_FIFxTqTUw&feature=related>
6. <<http://br.youtube.com/watch?v=ZnG8364RA6k&feature=related>>
7. <blogmetropolitano.blogspot.com/2008/02/1-vem-o-papangu.html - 46k –>
8. <http://jc.uol.com.br/cbnrecife/2006/02/01/not_28522.php> (registro sonoro)

Que não apresentam origem:

1. <<http://www.terramar.org.br/oktiva.net/anexo/27071>>.
2. <<http://djpapangu.blogspot.com>>. *Blog Papangu. Colaboradores Marcone - Djair Claudiano* □ **Local:** Passa e Fica : Agreste/Rio Grande do Norte : Brasil
3. <clientes.rov.com.br/cearafesteiro.com.br/glossario/p.html - 46k>
4. <<http://www.asturpe.com.br/associados/bezerras.htm>>
5. <<http://www.jornalvanguarda.inf.br/noticias.php?id=822>>
6. <http://www.pontosolidario.com.br/papier_mache.htm>
7. <<http://www.guiapernambuco.com.br/eventuais/carnaval.shtml>>
8. <http://www.continentemulticultural.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1359&Itemid=101>



9. <http://www.bancocultural.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1621&Itemid=74>
10. <<http://www.hebron.com.br/Revista/15anos/boaviagem.htm>>
11. <<http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&client=firefox-a&channel=s&rls=org.mozilla:pt-BR:official&hs=hCs&q=papangu+origem&start=50&sa=N>>
12. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Carnaval_do_Recife>
13. <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bezerros>>
14. <<http://www.recifeguide.com/brasil/pernambuco/bezerros.html>>
15. <<http://www.moisesneto.com.br/carnaval03.html>>
16. <<http://www.ferias.tur.br/informacoes/5174/bezerros-pe.html>>
17. <<http://www.perguntascretinas.com.br/carnaval-rio-de-janeiro-sao-paulo-salvador-recife-frevo-escolas-de-samba-rua-blocos-trio-eletrico-abada-brasil-2006-2007-2008-2009-2010/?cp=all>>
18. <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070216041507AAKMOEg>>
19. <<http://www.insite.pro.br/Artigo%20Osvaldo%20Entrudo.htm>>
20. <<http://www.cantodaserra.tur.br/>>
21. <<http://www.laurentur.com.br/>>
22. <<http://www.arteducacao.pro.br/Equipe/expoarte2003/projeto2003.htm>>
23. <http://www.museus.gov.br/agenda_ibermuseus/pe.htm - 90k>
24. <www.pe.sebrae.com.br:8080/notitia/download/Bezerros_premio.pdf>
25. <www.ladjanebandeira.org.br/cultura-pernambuco/pub/a2006n04.pdf>
26. <<http://www.paraibaonline.com.br/noticia.php?id=375462>>
27. <http://grupoviagem.uol.com.br/GRV_Materia.vxlpub?codMateria=222>
28. <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/o_banco/relacao_acionistas/docs/balanco_social_2005_pt.pdf... >
29. <http://www.telinha.blogspot.com/2003_03_01_archive.html >
30. <bvmsm.fgf.org.br/obra/livros/020501-00012-capitulo02.pdf >

Que aludem ao papangu, mas não apresentam origem no Google acadêmico:

1. <<http://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=ZJMy9QhoztC&oi=fnd&pg=PA106&dq=papangu+origem&ots=1Og06Ju-TO&sig=i-b2AMWExVYkpA54Xr6bZOXQd4w#PPA109,M1>>
2. <<http://www.pasosonline.org/Publicados/1203/PS100603.pdf>>
3. <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141997000100011&script=sci_arttext&tIing=en>
4. <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141997000100011&script=sci_pdf&tIing=pt>
5. <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/VPQZ-73QKXH/1/disserta_o_maracatu.pdf>
6. <http://www.geocities.com/gt_ad/monicacruz.doc>
7. <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2007/aefp/070409_aprender.doc>
8. <http://btdt.bczm.ufrn.br/tedesimplificado/tde_arquivos/1/TDE-2006-04-28T034533Z-4/Publico/PerissonDN.pdf>
9. <http://teses.ufrj.br/IFCS_D/AdrianaSchneiderAlcure.pdf>

Só fotos:

1. <www.pousadapeter.com.br/indexfotos_carnaval_bezerros.htm - 232k>
2. <<http://historiavermelha.blogspot.com/2008/02/os-papangus-de-bezerros.html>>
3. <www.colegiomariatereza.com.br/site/projeto.php?destaque=S - 39k ->

Registro de papangus noutras locais:

1. <<http://tribunadonorte.com.br/noticia.php?id=66051>>
2. <www.educarede.org.br/educa/index.cfm?pg=galeria_de_arte.detalhe_texto&id_galeria=821&id_arte... - 98k>



3. <http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm?pg=galeria_de_arte.detalhe_texto&id_galeria=821&id_arte=1790&id_comunidade=63>
4. <http://auniaio.pb.gov.br/v2/index.php?option=com_content&task=view&id=19281&Itemid=35>
5. <http://64.233.169.104/search?q=cache:FtBUqE-v_LAJ:pesquisa.dnonline.com.br/document/%3Fdown%3D12117+papangu+origem&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=71&gl=br&client=firefox-a>
6. <<http://64.233.169.104/search?q=cache:8I89biKLXBUJ:www.terramar.org.br/oktiva.net/anexo/27071+papangu+origem&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=80&gl=br&client=firefox-a>>
7. <http://66.29.2.128/~liguece/index.php?option=com_content&task=view&id=108&Itemid=43>
8. <<http://www.jornalorebate.com/55/vel.htm>>
9. <<http://supercoco.vilabol.uol.com.br/bloco-papangu.jpg>>

Registro no Recife:

1. <<http://www.coladaweb.com/diversos/carnaval.htm>>
2. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Carnaval_do_Recife>
3. <<http://www.marietaborges.com/2008/07/carnaval-de-pernambuco-festa-de-todos.html>>

Comunidades Orkut relacionadas a Bezerros:

1. <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=1511585>>
2. <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=401921>>
3. <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=1431154>>
4. <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=1460917>>
5. <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=1157861>>
6. <www.ati.pi.gov.br/~jmessias/dicpiaui.html>